



José Dalvo Santiago da Cruz*

RESUMO

Trazer Heráclito de Éfeso à Amazônia do século XXI parece provocação, mas filosoficamente não é, porque quem o lê minimamente atento percebe a pertinência de seus dizeres ao longo dos séculos de construção ontológica ocidental. Este artigo se propõe a contemporizar a physis em Heráclito realizando uma abordagem crítica da alteridade composta da mentalidade ocidental com a Amazônia, aqui tratada – e conceituada – como ontologia holística constituída de diversidade étnico-cultural hominizada num sistema simbólico totêmico, animista e não ocidental, porque ainda é movida em narrções protagonizadas por entidades alhures do cartesianismo que pauta a modernidade contemporânea. Objetivos: (i) Apresentar sucintamente a physis em Heráclito; (ii) Pontuar aspectos da ocidentalização da Amazônia e (iii) Dizer que Heráclito de Éfeso é contemporâneo no século XXI na concepção da physis. Conclui-se que a ontologia no conceito do que pode ser physis é afim a da concebida por ontologia nativa da Amazônia pesquisada na área da etnologia indígena em diferentes vieses teóricos. Postula-se que a ontologia construída filosoficamente tem afinidade com a cultura construída etnologicamente. Métodos diferentes, mas talvez com propósitos similares à procura do entendimento metafísico humano.

Palavras-chave: Heráclito. Amazônia. Ontologia. Logos. Cultura.

Heraclito of Ephesus in the Amazon of the 21st century: brief dialogical approach of indigenous ethnology with philosophical propaedeutics

ABSTRACT

Bringing Heraclitus of Ephesus to the Amazon of the 21st century seems like a provocation, but philosophically it is not, because anyone who reads him with even minimal attention realizes the relevance of his words throughout the centuries of Western ontological construction. This article proposes to temporize physis in Heraclitus by carrying out a critical approach to the otherness composed of the Western mentality with the Amazon, here treated – and conceptualized – as a holistic ontology constituted by ethnic-cultural diversity hominized in a totemic, animistic and non-Western symbolic system because it is still moved by narrations carried out by entities elsewhere in the Cartesianism that guides contemporary modernity. Objectives: (i) Briefly present physis in Heraclitus; (ii) Point out aspects of the westernization of the Amazon and (iii) Say that Heraclitus of Ephesus is contemporary in the 21st century in the conception of physis. It is concluded that the ontology in the concept of what can be physis is similar to that conceived by native Amazonian ontology researched in the area of indigenous ethnology in different theoretical biases. It is postulated that philosophically constructed ontology has affinity with ethnologically constructed culture. Different methods, but perhaps with similar purposes to the search for human metaphysical understanding.

Keywords: Heraclitus. Amazon. Ontology. Logos. Culture.

* Graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção, especialização em antropologia na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas, mestrado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutorado em linguística pela universidade de Nantes. Atuou como professor de alfabetização nas áreas indígenas Waimiri-Atroari e na Yanomami. Trabalhou como professor de filosofia e antropologia na Universidade Nilton Lins, Centro universitário do norte, Faculdade Santa Teresa, Universidade do Estado do Amazonas e Universidade Federal do Amazonas. Tem experiência em formação de professores, docência em filosofia e antropologia. E-mail: dalvosantiago@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4621976801234003>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1222-9836>.

Heráclito de Éfeso na Amazônia do século XXI:
breve abordagem dialógica da etnologia
indígena com a propedêutica filosófica

Introdução

O texto aborda criticamente a relação ocidental com a natureza por meio do conceito de *physis* em Heráclito de Éfeso (540-470 a. C.) em diálogo com a etnologia indígena pós-estruturalista de Viveiros de Castro (2015). Tem como objetivo dizer que é possível – e provável – considerar que a hominização ocidental extraiu o racional consciente da natureza e fomentou nele o desejo ocidental de protagonizar a sua própria existência por meio da construção histórica como instrumento de ruptura com a estrutura (axiomática) natural. Essa prática ocidental (moderna) tem causado contratempos na relação humana com a natureza, que etimologicamente advém da *physis* no grego antigo como “[...] o ser mesmo em virtude do qual o ente se torna e permanece observável” (HEIDEGGER, 1987, p. 45). A *physis* é a própria holística constituída de unidade e diversidade, *cosmos* = harmonia, *omnia* = todas as coisas, *versus* = uno, unidade, *unum*. O universo é unidade em *versus*, composto de contrários diversos. A humanidade é una em dinâmica, idade, sequência, movimento, continuidade.

Além desta introdução, o texto constitui-se das seguintes sessões: (i) o conceito de *physis* em Heráclito, (ii) ontologia amazônica, (iii) contemporaneidade de Heráclito no século XXI, além das considerações finais e das informações bibliográficas das obras e autorias citadas, circunscritas na etnologia indígena e na filosofia pré-socrática de Heráclito de Éfeso, com vieses na discussão delimitada na ontologia em seu sentido de maneira de ser, de cultura no sentido etnológico e de logos na acepção filosófica heracliteana de pensamento, de ser, de realidade, de expressar, de dizer.

Nas considerações finais se diz que o conceito de *physis* em Heráclito de Éfeso é atual porque a natureza é gerúndio contínuo, diferentemente do ser histórico que é contingente e circunstancial na cultura, o que motiva a evocação da categoria “estrutura da contingência” (SAHLINS, 2003) na qual a cultura e a História compõem uma dualidade dinâmica que se transforma entrelaçada e correlacionada, distintamente da metamorfose natural que se movimenta à semelhança do fogo que se move em cores, mas não sai do lugar. Na metafísica ontológica, o movimento não é deslocamento, mas vida, dinâmica interior feito o pensamento, que movimenta a ideia e o desejo.

A *physis* em Heráclito de Éfeso

Etimologicamente, a *physis* é a querência onde o ser nasce, brota, vive, existe, morre materialmente, mas permanece em ideia, na memória, no desejo dos vivos. Na *physis* a hominização se dá em metamorfose. Já na concepção ocidental (histórica), a hominização se dá na mudança, na transformação, na ruptura com a axiomática natural, pois para os “pensadores originários a *physis* tinha uma aura divina, pois era a fonte originária, a *arché* de todas as coisas que constituíam o Universo” (ROCHA, 2004, p. 10).

No aspecto histórico, por volta do século VI a. C., em decorrência do *boom* comercial no Mar Mediterrâneo, a região da Ásia Menor foi ocupada por diferentes etnias (Dórios, Aqueus, Jônios e Eólios) que, com suas respectivas culturas, compuseram uma pluralidade cultural que, por sua vez, edificou fronteiras étnicas que contribuíram com a criação da concepção política na ágora da Polis, regando os primeiros manifestos do que a modernidade adota como ideologia, que difere de cultura, porque esta é organizada na inconsciência enquanto a segunda é produzida na consciência histórica, que rompe com a estrutura dada natural ou institucionalmente nas rédeas da moral, que fomenta a ética no ideal ocidental, na vontade mesclada com a necessidade de saciar o desejo moderno.

No aspecto da descoberta do *logos* pelos filósofos pré-socráticos, vale a pena ressaltar a presença da escrita fonológica como um dos fatores que podem ter contribuído com a construção – ou descoberta – da consciência crítica e histórica, pois até então, as entidades míticas orais somente discorriam e narravam acerca de acontecimentos pretéritos idealmente, ocorridos numa utópica atemporal. O mito narra, não explica. O mito é funcionalmente simbólico e usa as dimensões do tempo no presente do indicativo na memória, em lembranças, e o futuro em perspectivas, no devir, e no ideal. A narração mítica molda a existência e esculpe as regras morais que, filosoficamente, fomentam a ética que advém da etnia, do comportamento individual no ambiente social que compõe o grupo, o coletivo que se adensa e constrói fronteiras, tendo a cultura como uma de suas motivações.

Etimologicamente, o *logos* também denota narração e descrição; porém, ele vai além e conota dizer, explicar, manifestar e ocultar numa dualidade efêmera e fugaz.

Daí Heráclito de Éfeso considerá-lo o próprio ser porque “Ouvindo não a mim, mas ao *logos*, é sábio concordar ser tudo-um” (Fragmento I) que se revela e se oculta numa dinâmica circunscrita na *alethéia* (verdade), no fenômeno de desvendar-se, tal como sugere no fragmento VIII, que a “Natureza ama ocultar-se”, complementado pelo fragmento IX: “Bem-pensar é a maior virtude, e sabedoria dizer coisas verdadeiras e agir de acordo com a natureza, escutando-a”.

Assim, considera-se que a descoberta do *logos* na propedêutica da filosofia é importante para entender a construção e a consolidação da mentalidade ocidental advinda da Grécia Antiga, adensada no humanismo do século XV e estruturada no renascimento do XVI. Mito e *logos* derivam, respectivamente, religião e ciência na moldura ocidental moderna, mormente na concepção de ser histórico protagonista de sua existência, o que contradiz a axiomática existencial. Porém, o contraditório é imanente ontológico, que se desdobra e se configura à semelhança de fractais numa conjuntura material e imaterial simbolizada na cultura e no *logos*: pensamento consciente e pensamento inconsciente.

De fato, quando a reflexão filosófica descobre o objeto próprio de sua busca, quando se desarticula do fundo do pensamento mítico, onde a cosmologia jônica ainda encontra suas raízes, quando se lança deliberadamente aos problemas que não mais deixarão de atrair sua atenção, ela organiza um campo conceitual em torno de uma noção central que definirá, a partir de então, um aspecto da primeira filosofia como tipo de pensamento e do primeiro filósofo como tipo de homem: *alethéia* ou a “verdade” (DETIENNE, 1988, p. 13).

A filologia do grego antigo remete o termo *lethe* (esquecimento), que evoca lembrança, em *alethe* (a negação do esquecimento, que é a lembrança), que sugere a verdade como se ela até então estivesse escondida nas narrações míticas e revelada pelos filósofos que, factualmente na pluralidade étnico-cultural, se depararam com o fenômeno do estranhamento numa alteridade composta de perspectivas distintas na origem ontológica percebida na limitação do texto narrativo e descritivo desprovido de questionamento e explicação. Daí a busca pela *arché* (origem fundamental) não mais por meio da narração coerente, mas na *physis*, que passa a compor alteridade com a racionalidade consciente, ou seja, extrai a

hominização da *physis* e torna o humano ser não natural, concedendo-lhe o predicativo de ser sócio-histórico.

Em Heráclito, assim como em Anaximandro e Parmênides (INWOOD, 2002, p. 15), *physis* indica espontaneidade, *locus* onde os entes brotam e compõem uma holística, em contraste com a concepção moderna de história, pois esta incide no protagonismo humano e na existência que intenta romper com a *physis*, que é axiomática e estruturante. Daí o humanismo no século XV construir a propedêutica do renascimento moderno numa junção Greco-romana edificando, assim, a concepção moderna de História como um espaço humanamente construído em alteridade com a *physis*, e não mais nela, pois um dos predicativos da modernidade é o protagonismo humano na alegoria de São Tomé no cristianismo, no ritual da hóstia católica, da ciência experimental e observacional.

A *physis* em Heráclito precede a noção de ciência e de religião e é concebida no *entourage* ontológico na transição da oralidade para a escrita, das musas, dos adivinhos, dos poetas e dos sacerdotes para o filósofo que questiona. Porém, à época de Heráclito a hominização ainda se dava no aroma poético e sua postulação se circunscreve na tríade composta de *physis*, *logos* e *alethéia*.

(II) Ontologia amazônica

A Amazônia é uma ontologia natural composta de espécies vivas entrelaçadas numa funcionalidade estruturada nela mesma, circunscrita na própria existência sem aparente propósito, a não ser a própria existência alimentada no processo de ingestão de seres a produzir energia num gerúndio contínuo. Parece ser a *physis* de Heráclito inserida no *logos* que fomenta a existência singular composta no plural, pois “A natureza de cada dia é uma e a mesma” (Fragmento XLVI), distintamente da concepção ocidental que considera o protagonismo humano como agente da existência, iniciado na criação do ato do filosofar no século VI antes de Cristo, retomado na propedêutica moderna no século XIV com o humanismo e adensado na modernidade impulsionada pelo cartesianismo e suas consequências científicas na construção da ontologia ocidental baseada na ação histórica, irrompendo com a estrutura natural.

Na Amazônia, o sentido à existência é construído em narrações míticas nas quais seres da fauna, da flora e minerais são hominizados para esculpir a moral que lateja o consciente na alteridade com o inconsciente produzindo – e se produzindo – no ato estético do estranhamento, fazendo brotar, assim, o símbolo que une o somático com o inteligível. Esse magnífico processo de simbolização que molda a existência em sentido é chamado, na filosofia, de ontologia e, na etnologia, de cultura. São dois predicativos funcionalmente análogos na tomada de consciência do racional envolto numa racionalidade intangível, à semelhança do dizer heracliteano de que “A natureza ama se ocultar” (Fragmento VIII).

A Amazônia é, nela mesma, uma holística composta de diferentes funcionamentos análogos, dinamizados em metamorfose com lógicas próprias e entrelaçadas que constituem o todo, o uno e o mesmo em performances distintas. É o rio que continua o mesmo em águas diferentes. É o ritual na tópica natural, na *physis* onde os seres brotam, existem, vivem e perecem numa racionalidade ontologicamente peculiar, própria nela mesma, quase intangível para racionalidades fora dela, do *habitat* que não é *entourage*, não é enunciado porque a ruptura que acontece nela não a transforma, pois é funcionalmente providencial em sua simetria, que a ritma ontologicamente.

(III) Contemporização de Heráclito no século XXI

A filosofia pré-socrática também é denominada de filosofia da natureza por ter sido praticada num preâmbulo da narração mítica ao questionamento dialético, na passagem do pensamento ágrafo para o pensamento teorizado na estrutura da escrita fonológica. A denominação “pré-socráticos” não se refere somente ao período anterior a Sócrates. Ela diz respeito à temática filosófica do século VI a. C.

Heráclito é o pré-socrático do movimento paradoxal, do uno com o plural, do estático com o efêmero. O fogo é o emblema da dinâmica que se move intensamente sem destino, sem ideal. A natureza, a *physis*, é holística, composta de diversos e “ama se ocultar” (Fragmento VII) para os que dormem e não a percebem. A natureza é dinamizada na metamorfose e o movimento se dá nela mesma, em suas lógicas próprias. Em Heráclito, o predicativo “holístico” é dinâmico e racionalmente movido

porque “Ouvindo não a mim, mas ao *logos*, é sábio concordar ser tudo-um” (Fragmento I).

Nesse íterim, o *logos* é a *physis*, que é holística. E é em gerúndio contínuo. E Heráclito é no presente do indicativo contínuo no século XXI porque seu dizer é pertinente na conjuntura que se testemunha em 2023, na relação da mentalidade ocidental com a natureza que extrai o racional humano da *physis* holística, fazendo-o compor uma alteridade com a sua própria realidade natural, pois:

Desse *logos*, sendo sempre, são os homens ignorantes tanto antes de ouvir como depois de o ouvirem; todas as coisas vêm a ser segundo esse *logos*, e ainda assim parecem inexperientes, embora se experimentem nessas palavras e ações, tais quais eu suponho, distinguindo cada coisa segundo a natureza e enunciando como se comporta. Aos outros homens, encobre-se tanto o que fazem acordados como esquecem o que fazem dormindo (HERÁCLITO, Fragmento II).

Ao sair intelectualmente da *physis* por meio da pretensão de protagonizar a sua própria natureza, o ser humano ocidental se constitui como um componente da alteridade com a natureza, tratando-a como outra e, com isso, rompe com a estrutura natural da existência se extraindo da metamorfose e se tornando agente de transformação, da mudança estrutural. Essa inflexão e mudança de posição epistemológica implica uma situação ontológica de consequências práticas, tais como as que se testemunha nos dias atuais, em que a mentalidade ocidental considera a natureza uma fonte de recursos para as indústrias manufactureiras, sem nenhuma relação de ordem ética.

Heráclito é atual porque ainda na propedêutica da criação da mentalidade ocidental, chamou a atenção para a convivência na *physis*, em uma atitude de sabedoria para ouvir o *logos*, o discurso, a palavra, dialética que se opôs ao mito baseado na *doxa* (opinião), que somente narra. Mas, Heráclito filosofou sem sair da natureza devido à circunstância da época, de transição da oralidade para a escrita fonológica. Heráclito filosofou no enunciado ainda composto pelo aroma poético e mítico da narração em incipientes postulações.

No século VI a. C., a cultura prevalecia na oralidade ainda nos sopros das Musas de Hesíodo, cujo ápice se deu no século VI da mesma Era. Embora ocidentalizada em sua mais astuta versão, a Amazônia contemporânea no século XXI

culturalmente ainda não é ocidental em sua versão tradicional, pois a partir da “etnicidade de resultados” (ALBERT, 2000) nos anos 1980 e discorrida até os dias atuais, grupos nativos da região amazônica se adensaram em movimentos sociais e reivindicaram o reconhecimento de seu direito à diferença étnico-cultural junto à sociedade e ao Estado brasileiro. Esse fenômeno é filosoficamente visualizado com eficácia na teoria do reconhecimento de Charles Taylor (2000), numa batuta hegeliana.

Aqui, a filosofia pré-socrática se encontra com a etnologia do século XXI na tópica da alteridade composta de ocidente e não-ocidente, este sendo a mentalidade nativa amazônica estruturada na holística ontológica dinamizada na metamorfose, e não na mudança provida pela construção histórica. Na Amazônia, a narração e o totemismo são praticados fluentemente nas culturas nativas, distintamente da mentalidade ocidental, que se faz em alteridade com o tradicional sem perceber que é dependente da tradição do culto religioso, da ciência como construção epistemológica baseada na observação e no experimento, além da economia de mercado, da exploração dos recursos naturais e da mão de obra do outro.

Ao se organizarem em movimentos sociais, os indígenas no Brasil – e não somente na Amazônia – se fortaleceram politicamente por meio da identidade étnica que, diretamente, tem consequências em sua vida tradicional porque ao conquistarem seus direitos à diferença, eles homologaram a tradição oral e sua respectiva continuidade. Vale lembrar que no período pombalino (1750-1777) o Diretório dos Índios proibiu manifestações culturais indígenas na então colônia portuguesa por meio do ministro Marquês de Pombal. Filosoficamente, era uma época balizada pelo iluminismo que imprimia a ocidentalidade sobre as demais populações não ocidentais, ou seja, tratava-se de uma continuidade do eurocentrismo instaurado no século XVI, com a chegada dos primeiros europeus à Costa brasileira, com ênfase filosófica de cunho político.

Mesmo sofrendo violências em diferentes modalidades, os indígenas no Brasil se mantiveram quase intactos culturalmente, pois apesar de mudanças em suas vidas tribais, mantêm a identidade étnica fortalecida em sua legitimidade por meio do reconhecimento legal pelo Estado brasileiro que, por sua vez, também homologa a diversidade étnico-cultural brasileira tanto em sua composição social como em sua

construção histórica. Assim, na conjuntura política brasileira contemporânea, os indígenas se inseriram na política brasileira sem deixar de ser indígenas, em suas diferentes culturas maternas baseadas na oralidade, contradizendo, inclusive, a teoria antropológica da aculturação, conforme convenção construída no Congresso de Americanistas em Nova Iorque (EUA), em 1949, tratada como “[...] mudanças culturais consequentes de contatos diretos e indiretos de grupos de culturas diferentes” (GALVÃO, 1979).

Nesse contexto, vale lembrar também que a filosofia pré-socrática foi criada em um contexto multiétnico constituído pelos dórios, jônios, aqueus e eólios, diversidade étnica que, segundo Vernant (2011), teria contribuído com a criação da filosofia e com a descoberta do *logos* como discurso composto de paradoxos, gerando, assim, a dialética factual na construção da história, o que desaguou na ideologia na teoria moderna e contemporânea, em que os opostos compõem a unidade, pois “O contrário é convergente e dos divergentes, a mais bela harmonia” (HERACLITO, Fragmento VI).

“O *logos* deixa e faz ver sobre o que discorre e o faz para quem discorre e para todos aqueles que discursam uns com os outros” (HEIDEGGER, 2005). O *logos* esclarece o que deve – precisa – ser revelado. O aposto “precisa” não é somente uma complementação, pois ele aqui tem a função polissêmica de precisão e de necessidade em concomitância, precisão presente na noção de *arché* ocidental, manifestada em alegorias como a de São Tomé, da ciência e da própria religião.

Heráclito é atual e a contemporaneidade não perderia tempo se o ouvisse, porque ele diz em seus fragmentos aparentemente obscuros, porém, precisos em enunciados no sentido de Michel Pêcheux (1995) “de contexto e intenção”, pois todo discurso é intencional e contextualizado em sua época e, neste caso, embora Heráclito de Éfeso tenha existido no século VI antes de Cristo, suas palavras ecoam na tópica filosófica, em tom poético e dizer filosófico, reverberando em ondas racionais ao longo da construção histórica ocidental. Ou seja, “Os que procuram ouro cavam muita terra e acham pouco” (HERÁCLITO, Fragmento III) porque a sabedoria está em saber ouvir o *logos* que diz e homologa a natureza que ama se ocultar.

É preciso ouvir a razão em busca da precisão simétrica do cosmos, que é a essência natural, pois “Não sabendo ouvir, não sabem falar” (HERÁCLITO, Fragmento

III) e passam a se alienar numa racionalidade quase irracional, no sentido de inconsequência, porque destrói o *habitat* de todas as espécies racionais, considerando que a razão narrativa mítica e a razão dialética das ciências e das Histórias são as lógicas que regem a existência holística.

Considerações Finais

Considerar Heráclito de Éfeso contemporâneo no século XXI é uma iniciativa crítica e pedagógica com propósito de dizer que, no preâmbulo da civilização ocidental, os gregos filósofos da natureza postularam acerca do fundamento da existência, da *arché*. Tal postulação continua nos dias atuais em outras modalidades e nomenclaturas científicas, religiosas, míticas e estéticas, já que o charme da existência talvez seja o mistério no sentido de admiração e respeito. É o que diz Freud em sua fase antropológica – ou próxima dela – no seu livro *O Mal-estar na civilização*, que alude à possibilidade de que os ancestrais estão mais presentes e efetivos no contemporâneo do que se possa imaginar conscientemente.

Respeitar a existência compõe uma dualidade com o medo, que psicanaliticamente é considerado instrumento instintivo de defesa dos seres vivos, uma concomitância do inconsciente com o consciente. A existência é uma tomada de consciência do ser que a esculpe de acordo com o seu *entourage* envolto de regras morais, ideais éticos e construções epistemológicas, numa concomitância que praticamente anula o presente do indicativo e deixa o ser quase racional no tênue devaneio composto de memória (pretérito) e perspectiva (futuro). Os gregos são contemporâneos não somente no vernáculo linguístico greco-romano indo-europeu. Eles são contemporâneos na maneira de ser ocidental, embora a ópera (romana) não tenha saído à forma exata da geometria (ideal) platônica.

A filosofia é historicamente construída e Heráclito é contemporâneo no século XXI porque a sua postulação, ainda na propedêutica da ontologia ocidental, já sinalizava a busca pela *arché*, categoria contemporizada no *Bóson de Higgs* (Partícula de Deus), na dialética do *logos* que se contrapõe à narração mítica e torna o ser humano sujeito da História e pretensamente protagonista de sua existência, embora o criacionismo seja ainda latente na mentalidade moderna na tônica religiosa, que

somente existe na nomenclatura ocidental, mais uma vez, distinta da mítica, na qual inexistente a alegoria do Messias, do Salvador.

Referências

BARNES, Jonathan. **The Presocratic Philosophers**. Cambridge: University Library, 1982.

COSTA, Alexandre. **Heráclito**: fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

DETIENNE, Marcel. **Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão, O Mal Estar na Civilização e outros trabalhos**. Volume XXI (1927-1931). São Paulo: IMAGO Editora, 1974.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1987.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo I**. Petrópolis: Vozes, 2005.

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E. **The Presocratic Philosophers**: a critical history with a selection of texts. Cambridge: At the University Press, 1962.

LAKS, André. **The concept of presocratic Philosophy**: its Origin, Development, and Significance. Oxford: Princeton University Press, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O olhar distanciado**. Lisboa: Edições 70, 1983. (Col. Perspectiva do Homem).

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural II**. Trad. Maria do Carmo Pandolfo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

MURACHCO, Henrique Graciano; MAIA JUNIOR, Juvino Alves. **Grego**: Teoria e Prática nos cursos universitários. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária, 2020.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PIZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio, imaginário e modernização. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

ROCHA, Zeferino. Heráclito de Éfeso, filósofo do Lógos. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, ano VII, n. 4, p. 7-31, dez./2004.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

VERNANT, Jean Pierre. **As origens do pensamento grego**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

Recebido em: 26/09/2023

Aprovado em: 20/11/2023